



e-ISSN: 2177-8183

**GRAFISMOS INDÍGENAS COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O  
ENSINO DE ARTES VISUAIS**

***INDIGENOUS GRAPHISMS AS A PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR  
TEACHING VISUAL ARTS***

***LO GRAFRISMO INDÍGENA COMO PROPUESTA PEDAGÓGICA PARA LA  
ENSEÑANZA DE LAS ARTES VISUALES***

*Daiane Marques*  
[daiane\\_880@hotmail.com](mailto:daiane_880@hotmail.com)  
Mestranda em História da Arte  
Unifesp

*Janedalva Pontes Gondim*  
[p.gondim14@gmail.com](mailto:p.gondim14@gmail.com)  
Doutora em Sociologia  
Professora da Univasf

**RESUMO**

O presente trabalho é resultado das análises feitas no Trabalho de Conclusão de Curso oriundas da proposta pedagógica intitulada “Introdução aos grafismos indígenas no ensino de Artes Visuais” desenvolvida nas aulas ministradas na Residência Pedagógica durante os meses de março a maio de 2019, na Escola Estadual Misael Aguilar Silva, localizada na cidade de Juazeiro/BA, com a turma do primeiro ano do Ensino Médio. O objetivo geral foi identificar as contribuições que os grafismos indígenas podem trazer para o ensino de Artes Visuais a partir da aprendizagem de elementos visuais e culturais que envolvem as etnias da região. Utilizamos a abordagem multicultural como metodologia para trabalhar com os grafismos indígenas na sala de aula, pois ela apresenta uma perspectiva epistemológica e política sobre a diversidade. As atividades pedagógicas desenvolvidas foram desde exercícios de observação e reprodução, elaboração individual e coletiva a partir de novas

37

percepções sobre Arte. Os principais resultados demonstraram a mudança de entendimento dos estudantes sobre os povos indígenas e a ampliação da capacidade de criação a partir do contato com outras culturas.

**Palavras chave:** Grafismos Indígenas. Artes Indígenas. Arte-Educação. Ensino de Artes Visuais.

## ABSTRACT

The present work is the result of the analyzes made in the Course Conclusion Work arising from the pedagogical proposal entitled "Introduction to indigenous graphics in the teaching of Visual Arts" developed in the classes taught at the Pedagogical Residence during the months of March to May 2019, at the State School Misael Aguilar Silva, located in the city of Juazeiro / BA, with the class of the first year of high school. The general objective was to identify the contributions that indigenous graphics can bring to the teaching of Visual Arts from the learning of visual and cultural elements that involve the ethnicities of the region. We use the multicultural approach as a methodology for working with indigenous graphics in the classroom, as it presents an epistemological and political perspective on diversity. The pedagogical activities developed were from observation and reproduction exercises, individual and collective elaboration based on new perceptions about Art. The main results demonstrated the change in students' understanding of indigenous peoples and the expansion of the capacity for creation through contact with other cultures.

**Key words:** Indigenous Graphisms. Indigenous Arts. Art-Education. Teaching of Visual Arts.

## RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de los análisis realizados en el Trabajo de Conclusión del Curso a partir de la propuesta pedagógica titulada "Introducción a lo grafismo indígena en la enseñanza de las Artes Visuales" desarrollada en las clases impartidas en la Residencia Pedagógica de marzo a mayo de 2019, en la Escuela del Estado. Misael Aguilar Silva, ubicada en la ciudad de Juazeiro / BA, con la promoción de primer año de bachillerato. El objetivo general fue identificar los aportes que lo grafismo indígena puede aportar a la enseñanza de las Artes Visuales a partir del aprendizaje de elementos visuales y culturales que involucran a las etnias de la región. Utilizamos el enfoque

multicultural como metodología para trabajar con grafismos indígenas en el aula, ya que presenta una perspectiva epistemológica y política sobre la diversidad. Las actividades pedagógicas desarrolladas abarcaron desde ejercicios de observación y reproducción, elaboración individual y colectiva a partir de nuevas percepciones sobre el Arte. Los principales resultados demostraron el cambio en la comprensión de los estudiantes sobre los pueblos indígenas y la expansión de su capacidad creativa a través del contacto con otras culturas.

**Palabras clave:** Grafismo Indígena. Artes Indígenas. Educación Artística. Enseñanza de las artes visuales.

## INTRODUÇÃO

Os povos ameríndios do Brasil possuem uma cultura diversificada e de valor inestimável que está intimamente ligada à formação do povo brasileiro. Entretanto, os colonizadores e a cultura ocidental tiveram como uma de suas principais metas exterminá-los, deixando a impressão de que os indígenas<sup>1</sup> ficaram apenas no passado<sup>2</sup>.

Dessa forma é importante levar esses conteúdos para os discentes, pois eles precisam reconhecer que os indígenas continuam existindo, que vivem em todo território brasileiro e constituem uma diversidade de sociedades com histórias, territórios e saberes, usos, costumes, crenças, línguas e linguagens que são extremamente ricas e fundamentadas em tradições milenares.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho não iremos utilizar a palavra “índio” por estar relacionada a afirmações genéricas oriundas da colonização e carregada de preconceitos. Sendo assim utilizaremos a palavra “indígena”, que tem origem no latim e significa “natural do lugar em que vive”. Os povos ameríndios chegaram ao continente americano há 30 ou 40 mil anos e em milênios construíram nessas terras suas culturas devidamente enraizadas. Para melhor aprofundamento no assunto: <http://kamuri.org.br/kamuri/no-brasil-ainda-tem-indio/>. Visitado em 11 de novembro de 2019.

<sup>2</sup> Conferir em: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Introdução a uma História Indígena”. In: \_\_\_\_\_ (org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia da Letras; Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 12. E em: MONTEIRO, John Manuel. Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. p.06. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

Segundo o censo IBGE 2010<sup>3</sup>, a população ameríndia é composta por 896.9 mil pessoas, correspondendo aproximadamente 0,47% da população total do país. Em uma matéria para o site R7, por exemplo, o jornalista Eugenio Goussinsky comenta com base no livro "O Mundo Indígena na América Latina - Olhares e Perspectivas" com coordenação de Beatriz Paredes, que o Brasil é líder no genocídio dos povos indígenas na América Latina<sup>4</sup>. Podemos apontar como o maior causador desse extermínio o interesse de setores econômicos no controle de suas terras e recursos naturais. Infelizmente a probabilidade do aumento desse genocídio é grande, pois o atual presidente, Jair Bolsonaro, apresenta discursos de ódio, retirando e dificultando as demarcações<sup>5</sup>.

Diante desse cenário, os ameríndios estão saindo de suas aldeias e levando seus saberes para outros lugares, e encontrando apoio de não-indígenas e simpatizantes para sua luta, ou seja, pessoas que também estão buscando meios para levar informações e assim ajudar na preservação das culturas e territórios dos povos ameríndios.

Preocupada com esta situação e por me interessar pelas questões indígenas, quando ingressei no curso de Artes Visuais, procurei me aprofundar na temática, e o interesse que antes era apenas pessoal foi se transformando também em conteúdo para as aulas dos estágios. Durante esse processo pude perceber o quanto o tema ainda é pouco desenvolvido. Pesquisando nas plataformas digitais acadêmicas<sup>6</sup> pude constatar poucas pesquisas na área,

---

<sup>3</sup> Conferir dados obtidos pelo site: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Visitado em 17 de junho de 2021.

<sup>4</sup> Conferir em: <https://noticias.r7.com/prisma/nosso-mundo/brasil-e-lider-disparado-no-genocidio-de-indios-na-america-latina-24042018>. Visitado em 21 de junho de 2019.

<sup>5</sup> Conferir em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1554971346\\_439815.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1554971346_439815.html). Visitado em 21 de junho de 2019.

<sup>6</sup> Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Scientific Electronic Library Online – Scielo.

pois ainda não se constituiu como objeto de estudo por parte dos pesquisadores do ensino de Artes Visuais.

Diante desse cenário, procuramos nos nossos estudos focar nas questões que envolvem o ensino de Artes Visuais e Artes Indígenas<sup>7</sup>. Um argumento muito utilizado para justificar a ausência das Artes Indígenas na Academia é que esses povos não partilham da tradição ocidental do que é arte. Sobre essa questão, a antropóloga Berta Ribeiro (1989) comenta que, embora não exista o conceito de arte, eles produzem objetos de arte e devemos estudar “a arte étnica como elemento de cultura, cujos procedimentos e iconicidades identificam a dita cultura não apenas por sua concepção formal, mas também pelo código de seus significados simbólicos” (RIBEIRO, 1989, p. 16).

A fim de dialogar com essas concepções e contribuir com o aprofundamento da temática sobre as Artes Indígenas no ensino de Artes Visuais, o presente trabalho é fruto das análises feitas no Trabalho de Conclusão de Curso, oriundo da proposta pedagógica denominada “Introdução aos grafismos indígenas no ensino de Artes Visuais”, que foi desenvolvida nas aulas ministradas na Residência Pedagógica durante os meses de março a maio de 2019. O trabalho se debruçou especificamente sobre os seguintes questionamentos: quais contribuições as Artes Indígenas podem trazer para o ensino de Artes Visuais? É possível trabalhar com Arte a partir de aspectos de povos não-ocidentais?

Diante dessa problemática o objetivo deste estudo pretendeu identificar as contribuições que os grafismos indígenas podem trazer para o ensino de

---

<sup>7</sup> Utilizaremos no texto a expressão “Artes Indígenas” com as letras iniciais em maiúsculas para dar ênfase à sua importância como tema na disciplina de Artes. A expressão também será usada no plural para frisar a existência das diferentes formas de expressão destas Artes e sua variação de acordo com cada etnia. Denominamos de “Artes Indígenas” os elementos produzidos por ameríndios a partir da dança, música, grafismos, desenhos, pinturas, cerâmicas, adornos e trançados, em suas diferentes técnicas, suportes e materiais.

Artes Visuais, tentando compreender que esses grafismos apresentam novos elementos para a aprendizagem da Arte, bem como pretendeu avaliar os resultados da prática de ensino realizada na Residência Pedagógica.

Vale destacar que a prática de ensino intitulada “Introdução aos grafismos indígenas no ensino de Artes Visuais” surgiu a partir do projeto institucional da “Residência Pedagógica: uma imersão teórico-prática na formação de professores”, proposto pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, no subprojeto “Práxis artístico/educativa em Artes Visuais: construindo a docência contextualizada no semiárido”.

Assim, esse texto irá apresentar alguns resultados do projeto pedagógico aplicado na Escola Estadual Misael Aguiar Silva (CEMAS), localizada no bairro Dom José Rodrigues, na cidade de Juazeiro, Bahia. As aulas ocorreram no período matutino com a turma do primeiro ano do Ensino Médio, composta por trinta e quatro estudantes.

## **1. A LEI 11.645/08 E O ENSINO DAS ARTES VISUAIS: CONSTRUINDO UM PROJETO PEDAGÓGICO MULTICULTURAL**

A Constituição Federal de 1988, artigo 210, indica que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988). Em consequência dessa premissa, em 10 de março de 2008, a Lei 11.645/08 alterou dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tornando obrigatória a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no ensino de todas as disciplinas do currículo da educação básica, o que inclui o ensino fundamental e médio, públicos e privados. A Lei foi sancionada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da

Silva e pelo ex-ministro da Educação, Fernando Haddad, segundo o Art. 26-A, lemos:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (BRASIL, Lei nº 11.645, 2008).

A criação da Lei é uma conquista para os povos ameríndios e para a sociedade, sendo um passo importante para o diálogo intercultural entre indígenas e não-indígenas. Esperava-se promover uma educação que valorizasse e reconhecesse a diversidade cultural, onde a história nacional pudesse ser reescrita, incluindo o protagonismo das populações ameríndias e resgatando assim suas contribuições nas áreas social, econômica e política.

Contudo, para Elisabeth Borges (2015), não basta introduzir novos temas nos currículos escolares, seria preciso que ele viesse acompanhado de uma mudança pedagógica na formação dos docentes, criando uma política de formação continuada para capacitar os professores e a criação de materiais.

Ainda segundo Borges (2015), a temática deveria ser trabalhada de forma interdisciplinar e transversal, pois novas questões pressionam a escola a mudar suas funções assumindo um compromisso como agente de transformação dos cidadãos.

Para os autores do texto “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas: uma reflexão necessária”, Anselmo Colares, Marco Gomes e Maria Colares (2010), a concretização da Lei 11.645/08 nas escolas implica em

políticas públicas de formação dos professores e na alteração da forma pela qual ocorre a educação escolar, pois a desinformação quanto aos referenciais das culturas silenciadas (como os diferentes povos indígenas, negros e imigrantes) pode contribuir para a solidificação de visões preconceituosas e estereotipadas.

Após essa breve discussão sobre a importância do tema e da criação da Lei, é importante ressaltar também que antes da invasão dos portugueses a região que hoje é denominada Juazeiro/BA possuía diversas etnias indígenas e, devido às guerras e conflitos, elas foram sendo dizimadas, até deixarem de existir nessa região<sup>8</sup>. E os indígenas que conseguiram sobreviver em outras partes do Nordeste precisaram, e precisam atualmente, enfrentar a discriminação e o preconceito. Dessa forma, é fundamental ensinar nas escolas a história e a cultura desses povos como reconhecimento de sua existência e luta.

Partindo do propósito da inserção do tema dos grafismos indígenas nas aulas de Artes Visuais, procuramos conhecer um pouco a história da escola na qual iríamos desenvolver a proposta pedagógica, com o intuito de traçar as características e o perfil dos estudantes.

O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2016)<sup>9</sup> da escola menciona que são atendidos estudantes do bairro Dom José Rodrigues e outros, tais como: Pedro Raimundo, Malhada da Areia, Barrinha da Conceição (comunidade remanescente quilombola), Juazeiro V, Morrão (área rural) e os Residenciais São Francisco, Mairi e Dr. Humberto do “Projeto Minha Casa, Minha Vida” do governo Federal. Além destes estudantes, a escola também recebe os

---

<sup>8</sup> Conferir em: CUNHA, João Fernandes da. Memória histórica de Juazeiro. Juazeiro, 1978. Cópia digital realizada por Albano Souza Oliveir, Salvador, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6038/1/\\_Jo%C3%A3o.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6038/1/_Jo%C3%A3o.pdf).

<sup>9</sup> É um documento obrigatoriamente elaborado pela instituição de ensino de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). Não possui publicação, tendo sido disponibilizado para consulta a essa pesquisa pela diretora da escola.

chamados “safristas” que normalmente são de outros estados e que chegam ao bairro em meados de abril de todo ano e ficam até novembro para o período de safra da Agrovale<sup>10</sup>. De todo modo, a escola funciona num bairro periférico do centro da cidade.

A escola possui características próprias, por receber os educandos da comunidade safrista: em condições de vulnerabilidade; com déficits de aprendizagem; com distorção de idade/série; com jovens grávidas e outros que já são pais; com renda familiar de menos de cinco reais por dia; vivendo sem pais e mães; precisando trabalhar para ajudar em casa; indo para a escola apenas para se alimentar; e alguns morando a mais de quatro quilômetros da escola e fazendo o percurso a pé.

A gestão explana (PPP, 2016, p. 25) que a escola não possui registros de violências e nem de tráfico de substâncias psicoativas. A renda dos moradores é proveniente sobretudo de trabalhos agrícolas, e seus estudantes possuem um perfil diversificado que exige uma educação, por parte da gestão e dos professores, que busque a melhoria da qualidade de vida e que amenize suas necessidades e desigualdades sociais e culturais.

Diante disso, nos pautamos na abordagem multicultural para trabalhar com os grafismos indígenas na sala de aula. Segundo Ana Mae Barbosa (1998, p. 15): “A diversidade cultural presume o reconhecimento dos diferentes códigos, classes, grupos étnicos, crenças e sexos na nação, assim como o diálogo com os diversos códigos culturais das várias nações ou países”.

A multiculturalidade também é um processo de contra-hegemonia<sup>11</sup> e trabalha pelo ponto de vista das políticas culturais, desempenhando um papel

---

<sup>10</sup> Agro Indústrias do Vale do São Francisco (Agrovale) é uma empresa produtora de açúcar, etanol e bioeletricidade, fundada em 1972, na cidade de Juazeiro – BA.

<sup>11</sup> Contra as políticas dominantes “o pensamento contra-hegemônico consiste em alargar a visibilidade pública de enfoques ideológicos que contribuam para a reorganização de repertórios, princípios, e variáveis de identificação e coesão, com vistas à alteração gradual e permanente das relações sociais e de poder” (MORAIS, 2010, p.73).

fundamental para a consolidação de determinados grupos na sociedade, como: mulheres, negros, ameríndios, LGBTQIA+, pobres. Assim, utilizar essa abordagem na escola possibilita a educação do olhar para o outro, para o diferente de nós e assim aprender com eles numa perspectiva democrática.

No Brasil existem 305 etnias e são faladas 274 línguas indígenas<sup>12</sup>, onde cada povo possui uma maneira particular de compreensão de mundo, de sobrevivência, de crença e de educação. O educador Daniel Mundukuru comenta, num documento produzido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, que:

A cultura vai, portanto, além da confecção de objetos que ofereçam melhores condições de sobrevivência. Ela é condição *sine qua non* para que a humanidade de um povo se mostre com toda a sua intensidade. Ressalto que nenhuma cultura é estática, parada no tempo. A cultura se caracteriza por seu dinamismo. (PREFEITURA MUNICIPAL SÃO PAULO, 2019, p. 43).

Nesse sentido, as Artes Visuais têm um papel importante e podem contribuir para o desenvolvimento do ensino na perspectiva multicultural, apresentando diferentes linguagens e auxiliando na desconstrução de um olhar único e tido como legítimo, pois ela busca atravessar fronteiras culturais.

Nessa perspectiva, podemos partir da cultura que os discentes estão inseridos e apresentar as culturas ameríndias, criando um diálogo entre ambas e resgatando hábitos e costumes que fazem parte da cultura brasileira e que são de descendência indígena.

A autora Milene Figueiredo (2012), comenta que a abordagem multicultural em Arte/Educação deve proporcionar saberes sobre a cultura local e as diversas culturas, localizando assim o estudante no lugar que ele

---

<sup>12</sup> Conferir em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>. Visitado em 21 de junho de 2019

pertence. Também podemos encontrar nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN de Arte que:

É importante mobilizar a curiosidade dos alunos sobre contrastes, contradições, desigualdades e peculiaridades que integram as formações culturais em constante transformação e as distinguem entre si, por meio da escolha de trabalhos artísticos que expressem tais características. (BRASIL, 1997, p. 114).

Ana Mae Barbosa (1998) comenta ainda que tratar do tema das diferenças culturais é significativo, pois numa sala de aula encontramos educandos de diferentes grupos culturais e que terão que lidar uns com os outros. Assim:

As principais questões que norteiam a atitude multiculturalista no ensino da arte são: 1. Como diferentes grupos culturais podem encontrar um lugar para a arte em suas vidas? 2. Entender que grupos culturais diferentes têm também necessidade pela arte, mas que o próprio conceito de arte pode diferir de um grupo cultural para outro. (BARBOSA, 1998, p. 91).

Dessa forma, podemos compreender que inserir a temática indígena nas aulas de Artes Visuais a partir da abordagem multicultural é uma forma de combater a discriminação e valorizar o respeito à diversidade cultural no nosso país. Este foi um fator motivacional e político que levou à elaboração do projeto pedagógico que descreveremos um pouco a seguir.

## **2. É POSSÍVEL OS GRAFISMOS INDÍGENAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS?**

A proposta “Introdução aos grafismos indígenas no ensino de Artes Visuais” foi desenvolvida a partir de um projeto pedagógico aliado a um questionário que serviu como instrumento para a elaboração das aulas. A partir da abordagem multicultural buscamos apresentar as contribuições dos

grafismos indígenas para o ensino de Artes Visuais e para isso foram elaborados oito planos de aula, tendo tido as cinco primeiras aulas uma duração de duas horas, cada, e as três últimas, três horas, cada. Elas ocorreram de março a maio de 2019.

Nas duas primeiras aulas, considerando que são estudantes do Ensino Médio, trabalhamos com conteúdos sobre a visão dos discentes acerca dos ameríndios a partir de um questionário e também sobre algumas ideias já pré-estabelecidas como: “índios são todos iguais”, “são do passado”, “não têm história”, “são seres primitivos”, “atrasados” e que precisam ser “civilizados”. Essas expressões foram inseridas como alternativas no questionário e depois foram discutidas na aula.

Num segundo momento dessas aulas, expomos uma introdução geral sobre os povos ameríndios, suas características e população atual, tendo como destaque os que vivem na Bahia, são eles: Atikum, Kaimbé, Kantaruré, Kariri-Xocó, Kiriri, Payayá, Pankararé, Pankarú, Pataxó Hãhãhãe, Pataxó, Truká, Tumbalalá, Tupinambá, Tuxá, Xacriabá e Xukuru-Kariri.

Nas aulas seguintes começamos uma introdução às Artes Indígenas, apresentando sua diversidade cultural e estilos, dando ênfase aos grafismos e sua variedade étnica, traços e motivos gráficos. Fizemos uma comparação entre a abstração dos grafismos ameríndios com o movimento abstracionista a fim de evidenciar como é possível trabalhar com a História da Arte e as Artes Indígenas, buscando responder a questão: é possível trabalhar com Arte a partir de aspectos de povos não-ocidentais?

Nas aulas posteriores apresentamos os grafismos das etnias Asurini, Aparai, Wayana, Wai wai, Munduruku e Pataxó. Exercitamos a prática da reprodução desses grafismos e da criação por parte dos estudantes.

Entrando no tema dos grafismos ameríndios, foi perguntado se eles sabiam o que era o grafismo e responderam negativamente. Fizemos uma

introdução geral sobre como ele é produzido: sua construção através da simetria, de formas simples, complexas e repetitivas. E passamos uma atividade (Imagem 1) para reproduzirem os grafismos e assim começarem a se familiarizar com eles. Todos realizaram a atividade e desenvolveram bem sem apresentar nenhuma dificuldade.

Imagem 1: Atividade de reprodução de grafismos feita pelos estudantes.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

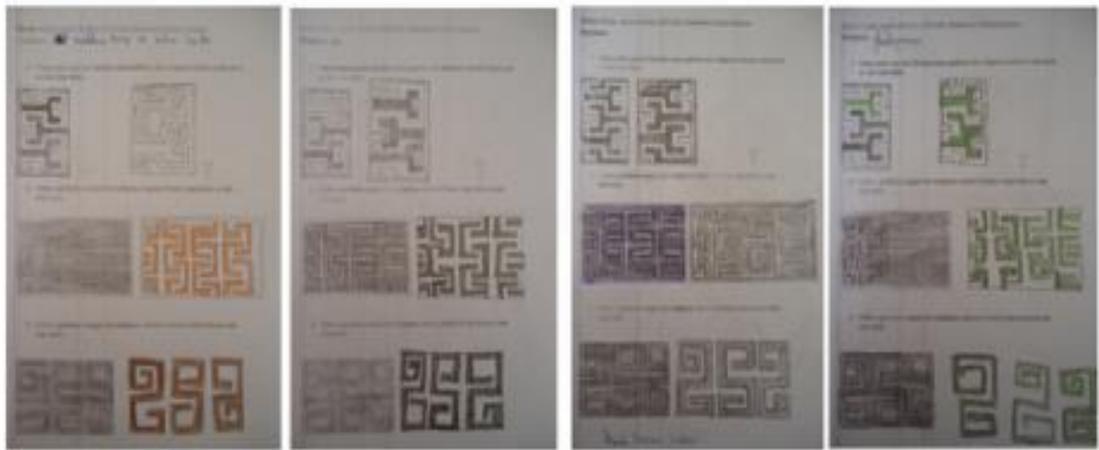
Na segunda parte da aula, demos ênfase aos grafismos da etnia Asurini do Xingu<sup>13</sup>, suas técnicas e materiais. Apresentamos o vídeo *Grafismo Indígena: Asurini do Xingu*<sup>14</sup>, uma animação que trata dos motivos gráficos “Onça” e “Jabuti” e sua relação com as formas dos animais representados. Desse modo, os discentes puderam observar como os ameríndios criavam seus grafismos, tendo a natureza como inspiração (Imagem 2). Os educandos

<sup>13</sup> Os Asurinis vivem na margem direita do rio Xingu no estado do Pará. Conferir em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini\\_do\\_Xingu](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Xingu). Visitado em 19 de out de 2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=onah4R4uhUE>. Visitado em 19 de out de 2019.

relataram dificuldades para fazerem as reproduções devido a esses grafismos serem mais complexos que os anteriores.

Imagem 2: Atividade de reprodução de grafismos Asurini feita pelos estudantes.

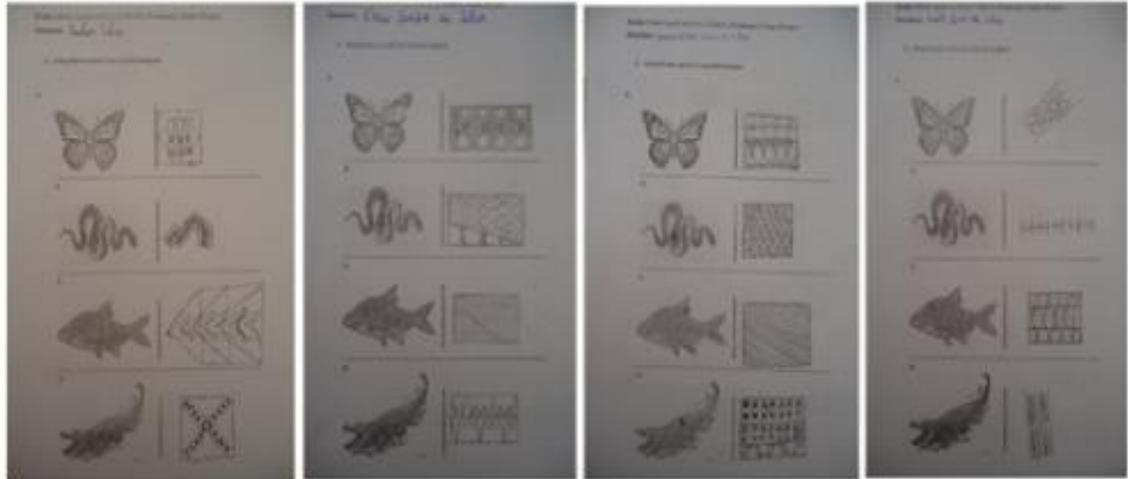


Fonte: acervo pessoal, 2019.

Em outra aula, os discentes produziram uma atividade na qual precisaram criar grafismos a partir de alguns desenhos de animais pré-estabelecidos (Imagem 3).

O objetivo dessa atividade foi que o estudante observasse a figura do animal e buscasse representar apenas uma parte dele e reproduzi-la em sequência, assim como os indígenas fazem ao criar seus grafismos. Eles captaram bem a ideia da atividade e conseguiram criar grafismos sem dificuldades. Com o uso da imaginação, obtivemos um resultado bastante satisfatório.

Imagem 3: Atividade de criação de grafismos feita pelos estudantes.



Fonte: acervo pessoal, 2019.

Podemos constatar, dessa forma, que os conteúdos durante as aulas mudaram a forma como os estudantes entendiam os povos ameríndios. A partir dos exercícios de reprodução de grafismos simples e complexos e com as atividades de criação, os discentes foram adquirindo conhecimento sobre suas formas e o modo de produzi-lo, bem como desenvolveram a capacidade para observar um elemento peculiar de um determinado objeto e utilizar uma pequena parte para representar o todo.

Assim, a proposta “Introdução aos grafismos indígenas no ensino de Artes Visuais” buscou mostrar através da temática das Artes Indígenas suas diversidades por meio de etnias de diferentes localidades do país utilizando os grafismos como recorte para essa introdução. Tivemos também o intuito de aproximar as Artes Indígenas com a Arte não indígena, oriunda do ocidente e que estamos habituados a estudar nas escolas, mediante a comparação com a arte abstrata e da utilização das técnicas da isogravura e do vitral, aproximando a temática ao habitual dos discentes através de interesses pessoais e coletivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos constatar, por meio deste estudo, que antes do projeto os estudantes conheciam pouco das culturas ameríndias e carregavam ainda muitos dos estereótipos encontrados nos livros didáticos. Após o desenvolvimento das aulas foi perceptível a mudança que tiveram sobre os ameríndios, conhecendo melhor sua realidade atual, cultural e populacional.

Nesse sentido este estudo buscou contribuir com conteúdos voltados para as Artes Indígenas no ensino de Artes Visuais no Ensino Médio com o propósito de respeitar as especificidades de cada etnia, sua diversidade, manifestações culturais e visuais, tratando como uma temática importante e buscando desconstruir as mistificações e simplificações que ainda prevalecem em alguns contextos do ensino de Artes Visuais.

A realidade do ensino sobre os povos ameríndios ainda é precária nas escolas, e para que aconteçam mudanças, é necessário que as políticas públicas nos municípios e nos estados deem capacitação aos professores, além da criação de materiais que valorizem e apresentem as visões indígenas sobre a história, política, cultura e Arte.

Dessa forma, é necessário continuarmos elaborando estudos que visam desenvolver conteúdos próprios do ensino da Arte abordando o tema das Artes Indígenas, bem como de materiais que deem suporte artístico a fim de conscientizar acerca das contribuições indígenas.

A escola precisa ser transformadora, crítica e de qualidade. Sabemos que um longo caminho necessita ser vencido, pois a falta de conhecimento das características e das especificidades regionais, bem como a desinformação quanto aos referenciais das culturas silenciadas, como os povos indígenas, negros e imigrantes nos currículos escolares, contribui para a consolidação de visões hostilizadas e discriminatórias. O educador Paulo Freire traz uma

importante reflexão sobre a importância de se entender a diversidade cultural. Ao ser exilado precisou viver a experiência de diferentes contextos no mundo, assim Freire assume a questão da diversidade cultural enquanto elemento indispensável para a problematização de uma autêntica prática educativa libertadora que deve ser forjada a partir dos “detalhes” da cotidianidade da realidade do oprimido, nesse sentido ele comenta que:

[...] o índio não optou por pescar flechando. O seu estágio cultural e econômico, social etc. é esse, o que não significa que ele não saiba, que não possa saber de coisas que se dera fora desse estágio cultural. Então eu acho que o meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro o que a curiosidade do outro e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. (FREIRE, 2005, p. 83).

Dessa forma podemos concluir que a escola precisar ser um instrumento de afirmação de questões culturais específicas, torna-se urgente trazer para o âmbito da educação a discussão sobre a história e a cultura daqueles que foram e são excluídos e marginalizados.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos: Cultura e Ensino da Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. Disponível em: [http://www.repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA\\_A.pdf](http://www.repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA_A.pdf). Acesso em: 18 de set. 2019.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, linguagem visual**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. A inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica e superior: momento histórico ímpar. **Revista científica FacMais**, v. IV, n.1, 2015. Disponível em: <https://revistacientifica.facmais.com.br/wp->

content/uploads/2015/08/artigos/cultura\_africana.pdf. Acesso em: 17 de set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 11 de set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 11 de set. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "Introdução a uma História Indígena". In: \_\_\_\_\_ (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia da Letras; Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 9-24.

COLARES, Anselmo Alencar; GOMES, Marco Antônio de Oliveira; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. História e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas: uma reflexão necessária. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p.197-213, jun.2010. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art15\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art15_38.pdf). Acesso em: 11 de set. 2019.

CUNHA, João Fernandes da. **Memória histórica de Juazeiro**. Juazeiro, 1978. Cópia digital realizada por Albano Souza Oliveira, Salvador, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6038/1/\\_Jo%C3%A3o.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6038/1/_Jo%C3%A3o.pdf). Acesso em: 12 de out. de 2019.

FIGUEIREDO, Milene Da Silva. **A cultura indígena nas Artes Visuais: reflexões para o ensino no Acre**. Trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Artes Visuais. Tarauacá: UAB, 2012. 35p. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5415/1/2012\\_MilenedaSilvaFigueiredo.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5415/1/2012_MilenedaSilvaFigueiredo.pdf). Acesso em: 13 de set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Ana Maria Araújo Freire (Org.). São Paulo: UNESP, 2005.



e-ISSN: 2177-8183

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. 2001. 233f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281350>. Acesso em: 17 de mar. 2021.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Compucenter/Downloads/12420-49853-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 de out. 2019.

PPP – **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS)**. Juazeiro, 2016.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da cidade: povos indígenas. Orientações pedagógicas**. São Paulo, 2019.